



O Ataque de 11 de Setembro e Suas Representações na Mídia¹

Paula S. NISHIZIMA²
Isabella T. Mayer de MELO³
Luciana C. dos SANTOS⁴
Elza Aparecida de Oliveira FILHA⁵
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

O modo como o ataque de 11 de setembro de 2001 foi mostrado pelas diferentes mídias pode ter influenciado na visão ocidental sobre o Oriente Médio e sua cultura própria, diferente da nossa. O contexto anterior ao ataque é vital para compreendermos como e porque ele aconteceu. A forma como foi representado em dois veículos de mídia brasileiros e documentários internacionais pode refletir contradições da história (ou até preconceitos daqueles que as produzem).

PALAVRAS-CHAVE: 11 de setembro, islamismo, Estados Unidos, mídia.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo tratar do tema “Mídia e Violência”, direcionado para o caso do ataque ocorrido em 11 de setembro de 2001, contra o World Trade Center, nos Estados Unidos. Com base no fato, serão analisadas matérias publicadas na revista Veja, parte da cobertura da Rede Globo no dia e após o atentado e documentários, acompanhado de uma pequena contextualização histórica, para melhor entendimento do assunto.

Contexto histórico

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: hikkibr2@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: isinha_itmm@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: lucianacristina441@gmail.com

⁵ Orientadora do Trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: elzaap@hotmail.com



Na manhã de 11 de setembro de 2001, dois aviões se chocaram contra as torres do World Trade Center com aproximadamente 15 minutos de intervalo entre o primeiro e o segundo ataque. Seguidos de um terceiro no Pentágono e um quarto na Pensilvânia. Diversas áreas foram evacuadas (incluindo a Casa Branca, prédios da ONU e da Unicef), voos transatlânticos cancelados e o céu de Nova Iorque ficou tomado pela fumaça do desabamento das torres gêmeas. Foram registrados cerca de cinco mil mortos.

Para entendermos melhor os motivos que levaram ao atentado, seu contexto histórico e suas consequências, primeiro devemos ter consciência de que o Islã, a religião seguida pelos homens suicidas do 11 de setembro, possui dois direcionamentos básicos: os *xiitas* e os *sunitas*, que têm interpretações diferentes do Alcorão, o livro sagrado. O islamismo, de uma forma geral, possui seu maior número de adeptos em países da Ásia e do norte da África, dentre eles Irã, Iraque, Afeganistão, Arábia Saudita, Egito, Indonésia, Índia, entre outros (ONU, 2001).

O Islã se apoia sobre cinco pilares: o testemunho, no qual a pessoa declara que não existe outra divindade além de Deus e que Mohamed é seu profeta e desse modo é considerado muçulmano; a oração, feita cinco vezes por dia, com os fiéis voltados para a Meca; o jejum no mês do Ramadã, considerado uma forma de agradecer a Deus por ter enviado à humanidade o Alcorão com seus ensinamentos; o pagamento do Zakat, que seria uma parte da riqueza acumulada, das colheitas e sobre os rebanhos de animais para pessoas necessitadas e mais pobres; e a Peregrinação à Meca, realizada pelo menos uma vez na vida para os que têm condições financeiras (ISLÂMICO, [19--]).

O conceito de “guerra santa” pode ser considerado um dos motivos que levam a atitudes de violência, pois, para alguns quer dizer dominar outros povos e convertê-los ao Islã, mas para outros possui significado interno, a luta do homem consigo mesmo, para encontrar a paz e o equilíbrio necessários (HADDAD, 1994).

Outros fatores polêmicos (fugindo à questão religiosa) são as reservas de petróleo, encontradas em abundância na região em que estão localizados os principais países islâmicos e o efeito da mídia, dando publicidade aos terroristas e, segundo Jacques A. Wainberg, em seu livro *Mídia e terror – Comunicação e violência política*: “Ao transformá-los em personagens do mundo televisivo, os terroristas tornam-se



personagens intocáveis de um drama comovente e relativamente sagrado” (WAINBERG, 2005, p. 16).

Voltando ao contexto histórico, um marco importante para a política do fundamentalismo islâmico, que procura seguir à risca os preceitos corânicos (dando margem a atitudes xenofóbicas e antimodernas), foi a Revolução Iraniana de 1979, período no qual parte dos iranianos mostrava-se descontente com o governo de Reza Pahlevi, cuja política era de proximidade com o ocidente, principalmente com os Estados Unidos. Pahlevi foi deposto pelo aiatolá Khomeini, um xiita que estabeleceu no país uma República Islâmica, de caráter teocrático, diferente das repúblicas seculares da maioria dos países do Oriente Médio (Iraque, Egito, Argélia, entre outros). Khomeini e os fundamentalistas hostilizam os governos seculares por serem estes abertos à política e ao modo de vida ocidental e condescendentes com o estado de Israel (SCHILLING, 2002).

Foi nesse cenário que, um ano depois, Saddam Hussein, ditador iraquiano, fez acordos com os Estados Unidos, que havia perdido as relações comerciais com o Irã após a subida de Khomeini, para que estes lhe dessem apoio econômico para que ele colocasse em prática uma guerra que, segundo suas estimativas, o colocaria em Teerã (capital do Irã) em três semanas com o pretexto de tomar o controle total do canal Chatt-el-Arab, cuja margem oriental era controlada pelos iranianos. Porém, os planos de Saddam não se consumaram tão facilmente, a guerra durou oito anos até que ambos os lados, esgotados, resolveram cessar fogo (BIGELI, [200-]).

Após o fracasso da guerra com o Irã, o Iraque afundou numa crise devido às baixas no preço do petróleo, responsabilizando o Kuwait e usando isso como pretexto para invadir o país e anexá-lo ao Iraque, controlando então suas reservas de petróleo e conseguindo novamente o apoio norte-americano - pois este havia sido perdido com o fim da guerra contra o Irã. Foi o segundo fracasso de Saddam, após ser advertido pela ONU para desocupar o Kuwait (o que não aconteceu), o exército de Saddam ficou cercado por potências ocidentais e alguns países do Oriente Médio e teve de se retirar do Kuwait, vários poços de petróleo foram incendiados e o Iraque sofreu sanções da ONU para a redução de sua infraestrutura militar.

Na década de 1970, o Afeganistão e o Paquistão sofriam tensões fronteiriças, sendo que o primeiro havia se aproximado da União Soviética em busca de apoio



econômico e militar, porém, fundamentalistas da oposição mostraram-se contra a presença de soviéticos em território muçulmano, proclamando a Jihad (guerra santa) e obtendo apoio dos Estados Unidos para isso, uma vez que os tempos ainda eram de Guerra Fria.

Expulsos os soviéticos em 1989, estes perderam o controle sobre os chamados mujadhins, as facções oposicionistas afegãs, dentre eles, o Talibã, formado por jovens estudantes, que aos poucos foi ganhando notabilidade política e conseguiu colocar o poder nas mãos de seu líder, Mohamed Omar, cujo governo abrigou o protagonista do ataque às torres gêmeas, Osama Bin Laden, e seu grupo fundamentalista, a Al-Qaeda.

Após o fim das lutas contra os soviéticos, Bin Laden voltou sua atenção para a ocupação norte-americana na península Arábica, que, segundo ele, estaria violando solo sagrado. Como nada foi feito por parte das autoridades muçulmanas, Osama decidiu agir, explodindo bases militares, quartéis e embaixadas americanas instaladas na região. Do lado americano, mísseis foram lançados no Afeganistão. Tal conflito foi o que culminou no ataque de 11 de setembro (SCHILLING, 2002).

2 A Cobertura da Mídia

Para ilustrar alguns exemplos da cobertura feita pela mídia, iremos analisar reportagens publicadas na revista *Veja* e veiculadas pela Rede Globo de televisão.

2.1 A Rede Globo

No dia do ataque, 11 de setembro de 2001, a TV Globo fez cobertura ao vivo com o Plantão Globo e deu mais informações no *Jornal Nacional*. A Agência Reuters divulgou que os palestinos eram os suspeitos de terem promovido o ataque, mas, como já foi dito, isso era uma suspeita e não uma informação concreta, comprovada.

Do modo como a Globo passou as imagens e falava sobre o ataque terrorista, só se conseguia entender que esse ataque foi o maior já ocorrido no mundo, que nada era pior do que isso, e que os EUA eram apenas “vítimas inocentes” de terroristas cruéis,



supervalorizando-os e passando a imagem de “fracos e indefesos”, o que não são. Já do povo muçulmano, passaram uma ideia de pessoas violentas, sem escrúpulos, assassinas, até mesmo discriminando, ainda que “disfarçadamente”, sua religião.

Já na chamada do primeiro bloco da edição do telejornal isso fica visível, principalmente pelo adjetivo “banho de sangue” utilizado para se referir ao atentado. “Chefes de estado condenam o banho de sangue [Fátima Bernardes] e reforçam a segurança nas fronteiras.” [William Bonner]. (11 de setembro de 2001- Bloco 1, Jornal Nacional)

Para demonstrar a possível felicidade dos palestinos com o ataque, mostram imagens dessas pessoas gritando muito alegres, com o seguinte off de William Bonner: “Nos territórios ocupados por Israel, palestinos comemoram a maior ofensiva terrorista de todos os tempos”. (11 de setembro de 2001- Bloco 1, Jornal Nacional)

Em reportagem de Edney Silvestre, o repórter faz a confirmação de que o atentado foi um ataque terrorista, utilizando o presidente do país para comprovar tal afirmação: “O presidente dos Estados Unidos George Bush confirma: foi um atentado terrorista.” (11 de setembro de 2001- Bloco 1, Jornal Nacional)

Para justificar as atitudes tomadas pelos Estados Unidos, ainda na reportagem de Edney Silvestre, a participação do país na 2ª Guerra Mundial é relembra e o Japão é apontado como culpado por essa participação dos Estados Unidos: “O ataque ao World Trade Center é o maior já ocorrido em solo americano desde que os japoneses bombardearam Pearl Harbor. Lá foram mortos 2.280 soldados e 68 civis. Foi o que levou os Estados Unidos a entrar na 2ª Guerra Mundial”. (11 de setembro de 2001- Bloco 1, Jornal Nacional)

Novamente reforçando a possível culpa de muçulmanos pelo atentado, os Estados Unidos são colocados como um país que sofre frequentemente com esses ataques sem justificativa: “Na história recente os americanos sofreram diversas ações terroristas, nem todas promovidas por estrangeiros, mas o maior de todos os suspeitos é árabe.” [Fátima Bernardes]. (11 de setembro de 2001- Bloco 2, Jornal Nacional)

É com esse tipo de notícias que se consegue perceber como as construções de imagens realmente acontecem e o quanto ruins elas podem ser. Casos como o das Torres Gêmeas podem virar uma espécie de “novela”, que envolve o público, fazendo-o tirar as conclusões que o jornalista quer que ele tire.



Afinal, a violência sempre está presente nas pautas jornalísticas por mostrar o novo de forma emocionante, chocante, chamando a atenção da sociedade e, conseqüentemente, vendendo muito bem. Porém, tal atitude pode gerar conseqüências tais como: a banalização, reprodução e incentivo à violência, criação de uma sensação constante de medo e insegurança, e até a estereotipação de povos ou culturas inteiras.

Em seu artigo, *Jornalismo e “construção de futuros”*, Marcus Antônio Assis Lima, fala sobre o jornalismo atual, discorrendo a respeito da forma como são feitas e passadas as notícias à sociedade. Ele afirma que a notícia é “uma realidade social construída, mas não é mais que uma das realidades que os indivíduos constroem cotidianamente” (LIMA, 2002).

O autor fala sobre o atentado terrorista ao World Trade Center, como exemplo de construções de realidades promovidas pela mídia. E como ele mesmo coloca, “são os meios de comunicação de massa que produzem a realidade social” (LIMA, 2002) e, assim sendo, um veículo midiático como a Rede Globo de Televisão, que tem uma alta credibilidade perante o público brasileiro, principalmente com seu telejornal *Jornal Nacional*, deveria transmitir informações da forma mais imparcial possível, o que não ocorre.

Marcus Antônio diz que “a oposição [entre] ‘amigos dos Estados Unidos’ e ‘os contra’ fica patente. Desse modo, o inimigo, o estrangeiro, o árabe, muçulmano, institucionalizam-se nas tipificações trabalhadas pelo conjunto da mídia” (LIMA, 2002).

2.2 A Revista Veja

Analisaremos aqui, três das edições de setembro e outubro de 2001 publicadas pela *Veja*, com matérias especiais sobre o atentado.

2.2.1 “O Império Vulnerável”

A primeira matéria especial sobre o ataque, cuja capa traz “O Império Vulnerável”, trata da dificuldade em identificar os culpados pelo atentado, já que,



segundo a revista, o terrorismo islâmico “surge das sombras” e não tem uma base única, podendo estar em qualquer lugar. Questiona os Estados Unidos, que com tanto potencial e gastos com a segurança nacional, deixaram passar um bando de terroristas com facas dentro de aviões comerciais. E ainda arrisca alguns palpites sobre as possíveis saídas de Bush: admitir que os Estados Unidos da América, país até então visto como a maior potência mundial, não tem capacidade de garantir a própria segurança e pedir ajuda internacional para combater o terrorismo, ou isolar-se ainda mais e manter a pose.

Uma ou duas vezes dentro do texto, coloca-se que existe uma maioria moderada dentro do Islã, mas dá-se tanta ênfase ao instinto sanguinário dos fundamentalistas que tal comentário fica imperceptível. O texto afirma que uma nova compilação deve ser levada em conta: “o Islã como fonte de preocupação para a paz mundial” (VEJA, 2001, p. 58). A segunda parte da reportagem fala sobre as estruturas dos prédios, como eles ruíram e da maneira como as pessoas morreram no incidente, como uma forma de sensibilizar o leitor.

Na terceira, aponta Osama Bin Laden como a mais nova “feição do mal” da história. Percorre alguns anos na história, de aiatolá Khomeini, Saddam Hussein, Muamar Kadafi, até Bin Laden, e termina com um artigo de opinião, deixando a expectativa da resposta americana aos atentados no ar. Bush afirma que não vai fazer distinção entre terroristas e países que os abrigarem, ou seja, possivelmente a população civil sofreria algum tipo de privação. O apoio da população norte-americana ao presidente para a entrada na guerra é grande.

2.2.2 “Guerra ao Terror”

Segundo especial sobre o tema. A matéria começa dando apenas uma opção aos norte-americanos “vencer ou vencer”, uma vez que a afirmação contrária seria impossível, na visão da revista, um ocidente dominado por líderes islâmicos radicais. E afirma que esta “é a primeira guerra do império americano que começa com a simpatia de todas as nações livres do mundo” (VEJA, 2001, p. 42), a pressão por uma atitude imediata e vingativa é forte.

Há uma ênfase considerável na superioridade bélica e tecnológica dos Estados Unidos, em sua determinação de contra-ataque e em sua “vitória certa”, pois “só num



conto de mil e uma noites a turma do turbante teria chance real diante da atual determinação dos Estados Unidos” (VEJA, 2001, p. 47). O esforço em mostrar os norte-americanos como donos da razão é evidente. Aponta-se que não há outro caminho senão a guerra, que já estava anunciada há tempos, que o poderio e a adoração a Bin Laden é forte no Afeganistão.

2.2.3 “Fé Cega e Mortal”

“O cerco aos homens das cavernas”, assim é intitulada a matéria anunciada na capa, iniciando a cobertura da entrada americana em solo afegão. É realizado um mapeamento da influência do grupo de Bin Laden, a Al-Qaeda, ao redor do mundo e de seus filiados. Comprova-se com base num relatório apresentado por Tony Blair durante uma reunião da Otan em Bruxelas, que Osama é o culpado pelo atentado. Fator curioso é reforçar que Osama Bin Laden continua sendo o herói de “grande parte dos muçulmanos”, sendo que nas primeiras reportagens, afirma-se que a maior parte da população que segue os preceitos do Islã é moderada.

3 Alguns Documentários sobre o Assunto

Desde os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, surgiram uma série de filmes e documentários nos quais os ataques terroristas são tema central, ou são citados, normalmente como motivo para o aumento da vigilância em solo americano. Aqui seguem breves análises de dois documentários baseados em fatos reais.

3.1 Fahrenheit 9/11

Neste documentário, o diretor Michael Moore investiga como os Estados Unidos se tornaram alvo de terroristas, e chegaram aos eventos ocorridos em 11 de setembro de 2001. Os paralelos são feitos entre as duas gerações da família Bush que já comandaram



o país e ainda as relações entre o ex-presidente americano, George W. Bush, e Osama Bin Laden.

Michael Moore tem maestria em mostrar o papel do George W. Bush nos eventos que antecederam e que sucederam aos ataques de 11 de setembro. O diretor é conhecidamente contra o governo de Bush, e apesar de o documentário trazer cenas e documentos verídicos, sua edição e a composição deixam clara a posição contrária ao governo de George W. Bush e à forma como ele conduzia as relações íntimas e comerciais de sua família.

Para Moore, os ataques de 11 de setembro e a caçada ao terrorista Osama Bin Laden foram usados como uma desculpa para invadir o Iraque e mascarar o verdadeiro intuito da invasão, que seria o petróleo saudita.

3.2 102 Minutos que Mudaram o Mundo

Este especial de duas horas fala sobre o ataque ao World Trade Center sob uma nova perspectiva, oferecendo imagens inéditas que documentam os 102 minutos que transcorreram entre o primeiro ataque às torres e o colapso da segunda torre. Vídeos e fotos tiradas por testemunhas, ligações aos bombeiros e policiais de Nova York, assim como o material coletado pelas televisões de diversos países foram usados na composição do documentário.

Produzido para o canal de TV a cabo History, 102 Minutos que Mudaram o Mundo faz um apanhado das imagens chocantes gravadas por pessoas que estavam nas proximidades das Torres Gêmeas quando o ataque aconteceu.

Sua posição não fica muito clara até o final do filme, quando o telespectador é surpreendido por um forte sentimento de revolta e, principalmente de vingança. 102 Minutos que Mudaram o Mundo parece justificar os eventos que sucederam o ataque, entre eles a reeleição do Presidente George W. Bush e a invasão e guerra do Iraque. O documentário é muito vivido, com cenas reunidas de diferentes fontes e ângulos e em tempo real, sem qualquer edição de som ou imagem.

Considerações



Além de comprovar a falta de segurança norte-americana para com seu próprio território, os ataques ao World Trade Center e ao Pentágono representaram um movimento contra um país e um modelo de vida.

Especialistas no assunto possivelmente já sabiam que algo assim iria acontecer, porém, para a mídia, como define Leão Serva em *Jornalismo e Desinformação*, “a fermentação não é interessante, apenas as explosões”, produzindo assim, um produto midiático interessado apenas em expor fatos chocantes, inéditos (características típicas da violência) sem que seu contexto histórico possa ser analisado.

Em consequência disso, ocorre a formação do estereótipo islâmico aos olhos ocidentais, de homens bárbaros, fanáticos, abrigados em cavernas e mulheres reprimidas sob o véu. Provas disso são os protestos realizados em Nova York contra a construção de uma mesquita e um centro cultural próximos ao Marco Zero (local onde antes existiam as torres), a ameaça do pastor Terry Jones de queimar cerca de 200 exemplares do Alcorão e as leis na França que proibiam o uso de véu integral islâmico em espaços públicos.

REFERÊNCIAS

BIGELI. Alexandre. Guerra Irã-Iraque: Contra o Irã, EUA se aliam a Saddam Hussein. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia/ult1704u26.jhtm>>

CENTRO CULTURAL BENEFICENTE ISLÂMICO. Os Cinco Pilares da Religião Islâmica. Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.islam.com.br/>>

HADDAD. Jamil Almansur. O que é Islamismo. 2ª reimpressão da 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. v. 41.

LIMA. Marcus Antônio Assis. Jornalismo e “Construção de Futuros”. 2002.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. 11 de setembro de 2001. Disponível em:<www.youtube.com>



REVISTA ÉPOCA. O Horror. Edição Especial. Globo, 2001. Disponível em:
<http://epoca.globo.com/especiais_online/2001/09/12_eua/index.htm>

REVISTA VEJA. Fé Cega e Mortal. Edição 1721, nº 40, p. 36-103, set. 2001. Disponível em: <
<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>

REVISTA VEJA. Guerra ao Terror. Edição 1719, nº 38, p. 40-138, set. 2001. Disponível em: <
<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>

REVISTA VEJA. O Império Vulnerável. Edição 1718, nº 37, p. 46-141, set. 2001. Disponível em: <
<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>

SERVA. Leão. Jornalismo e Desinformação. 3ª ed. São Paulo: Senac, 2005.

SCHILLING. Voltaire. A Política do Fundamentalismo. Disponível em:
<<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/fundamentalismos3.htm>>

_____. EUA, sangue em setembro. Disponível em:
<<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/atualidade/2002/09/08/001.htm>>

_____. O Corão, o turbante e o fuzil. Disponível em:
<<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/turbante.htm>>

THE HISTORY CHANNEL. 102 Minutos que Mudaram o Mundo. Disponível em:
<<http://www.tva.com.br/Show/27117/102-minutos-que-mudaram-o-mundo>>

WAINBERG. Jacques A. Mídia e Terror: Comunicação e violência política. São Paulo: Paulus, 2005.

AS TORRES GÊMEAS. Disponível em:< <http://www.adorocinema.com/filmes/torres-gemeas>>

FAHRENHEIT 9/11. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/fahrenheit-11-de-setembro/imagens/1245082501_fahrenheit11desetembroposter03/#ficha-tecnica>